



## CARTAS TROCADAS: SÉRGIO BUARQUE DE HOLANDA E OS BASTIDORES DA REVISTA *KLAXON*

Júlia Silveira Matos\*

Universidade Federal do Rio Grande – FURG

[jul\\_matos@hotmail.com](mailto:jul_matos@hotmail.com)

**RESUMO:** Sérgio Buarque de Holanda consagrou-se por seu conceito de “Homem Cordial”, sua obra histórica é marcada pela preocupação e centralidade no estudo das gentes do Brasil, suas estruturas sociais, culturais e políticas. Nesse sentido, podemos nos perguntar: Qual sua participação no interior do movimento modernista brasileiro? Com o intuito de responder esses questionamentos, no presente artigo analisaremos a correspondência de Sérgio Buarque de Holanda nos anos de 1920, como um dos articuladores da revista modernista Klaxon.

**PALAVRAS-CHAVE:** Modernismo – Correspondência – Sérgio Buarque de Holanda

**ABSTRACT:** Sérgio Buarque de Holanda devoted themselves to their concept of "human Cordial," his historical work is marked by concern and centrality in the study of the Brazilian people, their social, cultural and political. Accordingly, we ask ourselves: Which their participation in the Brazilian modernist movement? In order to answer these questions, this article examines the correlation of Sérgio Buarque de Holanda in the 1920s, as one of the articulators of the modernist magazine Klaxon.

**KEYWORDS:** Modernism – Correspondence – Sérgio Buarque de Holanda

Klaxon sabe que a humanidade existe. Por isso é internacionalista. O que não impede que, pela integridade da pátria, Klaxon morra e seus membros brasileiros morram. [...] Klaxon sabe que o passado existe. Por isso, sem renegar o passado, caminha para adiante, sempre, sempre.<sup>1</sup>

---

\* Professora de História Moderna e do Brasil da Universidade Federal do Rio Grande – FURG. Doutora em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS. Autora de **O ideário nacionalista nos escritos de Sérgio Buarque de Holanda e Assis Chateaubriand, 1929-1932**, tese defendida em 2008. [julmatos@universia.com.br](mailto:julmatos@universia.com.br)

<sup>1</sup> EDITORIAL. **Revista Klaxon**, São Paulo, vol. 9, p. 01, janeiro/ 1922.

Não apenas para Klaxon, conforme propõe nossa epígrafe, mas para todo o grupo modernista o passado existia, não era negado, e justamente pela integridade da pátria o futuro deveria ser construído sobre novos moldes. Ancorado nessas bases, o extremamente heterogêneo grupo, que compôs o chamado modernismo brasileiro, materializou suas aspirações e ideais na “meteórica” Revista **Klaxon**, fundada em 1922. Sendo assim, **Klaxon** deixou de ser apenas mais uma revista centrada em discussões sobre arte e literatura para se tornar o ícone do movimento de vanguarda, contestador das estruturas artístico-culturais do Brasil. Segundo, Regina Zilberman, “Os principais representantes do projeto modernista explicitam sua arte poética, que visa romper com padrões conhecidos [...]”.<sup>2</sup> Pela busca desse rompimento, citado por Zilberman, nasceu o mensário de arte moderna. A revista nasceu logo depois de encerrada a Semana de Arte Moderna, como uma forma de não deixar morrer o evento, ao mesmo tempo em que aglutinou em torno de si os pensadores e articuladores do impactante evento.

Em meio a nomes afamados como de Mário de Andrade, Oswald de Andrade e Tarsila do Amaral, encontramos Sérgio Buarque de Holanda,<sup>3</sup> só posteriormente consagrado como historiador, em seus primeiros passos no processo de contestação das realidades nacionais.<sup>4</sup> Seu envolvimento com o movimento modernista se deu em primeiro momento motivado, não apenas por sua amizade com Mário de Andrade e sua primária admiração por Graça Aranha, mas também por suas leituras. Nos primeiros anos do movimento compartilhou as idéias de busca por uma identidade nacional original para o Brasil. Apesar de sua posterior decepção com os rumos do modernismo brasileiro, esse ideal o acompanhou.

Conforme análise que fizemos em nossa dissertação de mestrado intitulada **Sérgio Buarque de Holanda: Raízes do Brasil, diálogos com a política e a História do Brasil**, PUCRS, 2005, a geração da Semana de Arte Moderna, marcou o processo de reestruturação artístico-literária nos idos de 1920-1930, “realizando uma revolução

---

<sup>2</sup> ZILBERMAN, Regina. Literatura brasileira contemporânea: a busca da expressão nacional. **Revista Anos 90**. Porto Alegre, n. 2, p. 70, maio. 1994.

<sup>3</sup> De acordo com Arlinda Nogueira, desde a infância Sérgio Buarque apresentou o gosto pela leitura, e muito cedo produziu sua primeira composição na área da música, uma valsa: **Vitória Régia**. Na idade adulta dividiu-se entre o gosto pela literatura e pelas análises históricas, não escolheu, seguiu sua trajetória na fronteira, entre a História e as Letras.

<sup>4</sup> Sérgio Buarque de Holanda nasceu em 1902 na cidade de São Paulo. Seu pai, Cristóvão Buarque de Holanda, era pernambucano, foi para São Paulo trabalhar no Serviço Sanitário do Estado e casou-se com Heloísa Gonçalves Moreira em 1901.

cultural no Brasil, com o intuito de repensar e pontuar a identidade nacional [...] Sérgio Buarque de Holanda era um destes, devido a uma prova no curso de direito que cursava no Rio de Janeiro não pode participar da Semana da Arte Moderna em São Paulo”.<sup>5</sup> No entanto, essa ausência não o afastou do movimento, mesmo do Rio de Janeiro atuou ativamente na fundação e divulgação da revista **Klaxon**, principal veículo modernista.

Sérgio Buarque consagrou-se por seu conceito de “Homem Cordial”, elaborado em fins dos anos de 1920 e princípios de 30, que com um olhar histórico-antropológico definiu o espírito cultural do brasileiro e veiculado em sua primeira obra no campo da História, definida por ele como um ensaio sociológico, chamada “Raízes do Brasil”. Sua obra histórica foi marcada pela preocupação e centralidade no estudo das gentes do Brasil, suas estruturas sociais, culturais e políticas, ou seja, na busca incessante de compreender essas “terras tropicais”. Nesse sentido, podemos nos perguntar: Como a proposta modernista de **Klaxon**, influenciou em seu desenvolvendo intelectual? Qual sua participação no interior do movimento modernista brasileiro?

Com o intuito de responder esses questionamentos, no presente artigo analisaremos a correspondência de Sérgio Buarque de Holanda nos anos de 1920, como articulador da revista. Selecionamos sete cartas, sendo duas enviadas a ele por Mário de Andrade, uma por Tácito de Almeida, uma por Ribeiro Couto, uma por Couto de Barros, duas respostas a Mário, uma no mesmo ano de 1922 e outra que consideramos tão importante quanto, apesar de não possuir a mesma temporalidade, pois é do ano de 1925, mas, conserva a temática que é a validação e crítica do discurso moderno de Sérgio Buarque de Holanda. Elas foram agrupadas de acordo com seu período de produção e, ou seja 1922-1923, tema central. Ao lê-las notamos que todas possuíam como elo o mesmo assunto: a publicação e organização da revista **Klaxon**, assim como a avaliação do conto **Antinous** de Sérgio Buarque.

Sendo assim, nosso objetivo é analisar como os princípios ideológicos do movimento modernista impressos em **Klaxon** aparecem nessa correspondência, da mesma forma, as relações entre os sujeitos componentes desse movimento, suas avaliações e administração da revista. Essas cartas, entendidas aqui, como parte da obra de Sérgio Buarque, nos permitem compreender o funcionamento de seu pequeno

---

<sup>5</sup> MATOS, Júlia Silveira. **Sérgio Buarque de Holanda: Raízes do Brasil, diálogos com a política e a História do Brasil**. Dissertação. (Mestrado em História) – Programa de Pós-graduação em História das Sociedades Ibero-americanas da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS, Porto Alegre. 2005, p. 144.

microcosmos intelectual entre os anos de 1920, assim como, sua própria constituição enquanto estudioso do Brasil.

Nessa perspectiva, refutamos as oposições entre o quantitativo e o qualitativo e buscamos, conforme Lucien Febvre, estabelecer a relação indivíduo-coletividade, pois a correspondência de Sérgio Buarque de Holanda, aqui selecionadas ao todo sete cartas para analisarmos, se apresentam para nós, conforme nos propõe Angela de Castro Gomes (2005), como um “lugar de sociabilidade, entendido tanto como espaço de constituição de uma rede organizacional [...], quanto como um microcosmos de relações afetivas [...]”.<sup>6</sup>

Portanto, assim como Febvre, entendemos “[...] o tempo histórico como mundo da consciência, visa as mudanças qualitativas deste mundo através de uma análise interpretativa, compreensiva, essencialmente qualitativa”,<sup>7</sup> nessa direção, centrados no entendimento do homem como produtor da história, a partir de sua correspondência ativa e passiva, entrecruzaremos os fatos e idéias de forma a percebermos as aproximações e distanciamentos entre o passado do historiador e os silêncios da memória.



## CARTAS A UM NÃO MISSIVISTA

A correspondência passiva de Sérgio Buarque de Holanda é no mínimo intrigante ao pesquisador. De forma aglutinadora vemos nomes que, após **Klaxon**, filiaram-se a correntes de pensamento opostas, mas que naquele momento falavam e lutavam pela mesma causa, A revista. No entanto, o mais surpreendente foi perceber na documentação e no desabafo do historiador em uma de suas correspondências que: “Sérgio Buarque não era um bom missivista, não gostava de escrever cartas, fazia apenas por necessidade”.

Essa conclusão em parte se confirma nas próprias cartas recebidas pelo jovem articulador da revista, as quais eram sempre finalizadas com algum pedido, o que o obrigava a responder. Tácito de Almeida, por exemplo, finalizou sua carta de 27/6/1922, pedindo uma listagem dos assinantes de Klaxon “Vamos enviar os numeros da revista

<sup>6</sup> GOMES, Angela Maria de Castro. (Org.). **Em família**: a correspondência de Oliveira Lima e Gilberto Freyre. Campinas: Mercado das Letras, 2005, p.13.

<sup>7</sup> REIS, José C. Lucien Febvre. In: \_\_\_\_\_. **Nouvelle Histoire e tempo histórico**: a contribuição de Febvre, Bloche Braudel. São Paulo: Editora Ática, 1994, p. 39.

para assignantes dahi. Peço a você enviar com a lista geral todos os endereços”. Da mesma forma, Mário de Andrade não apenas terminou sua carta de 20/07/1922, com uma solicitação, mas iniciou-a também com mais que um pedido, quase uma ordenança, “Cheguei a S. Paulo, depois de um mês de férias. Venho visitar-te e dizer-te que teu conto sairá Klaxon nº4. Está muito bom. Quando vem a Paulicéia? Traze coisas tuas”.

O conto ao qual elogiou Mário de Andrade é **Antinous**, no qual Sérgio Buarque narrou um episódio de uma grande civilização construída por um imperador. O qual somente foi publicado no quarto número da revista.

Sobre esse conto, em nossa dissertação de mestrado fizemos a seguinte afirmação:

Sem nos determos em maiores análises deste conto, um fator nos é peculiar, apenas dois anos antes Sérgio Buarque publicou artigo intitulado Viva o Imperador em protesto ao decreto-lei que mantinha na constituição brasileira o banimento da família real. Neste conto Antinous, Buarque de Holanda escreve ‘... Vêde tudo que nos cerca. Tudo, tudo obra de um só homem. De um só cérebro’. É como se o jovem Buarque de Holanda dissesse vejam tudo que nos cerca não é obra desta República Velha e sim de um governo banido’.<sup>8</sup>

Conforme nossa citação, Sérgio Buarque em **Antinous** reconheceu nosso passado monárquico, seguindo o manifesto modernista citado em nossa epígrafe e publicado no primeiro exemplar de **Klaxon**, aludiu a um passado que insistia em enraizar-se na alma da nação. O Brasil não era obra da tão afamada miscigenação racial e cultural, mas dos propósitos e ambições de um povo e sua monarquia. Primeiramente uma colônia aos serviços do Estado Luso e depois um Império aos gostos de uma monarquia exilada que não abriu mão das riquezas tropicais.

A profundidade de **Antinous** foi reconhecida e aclamada pelos componentes da direção da revista. Em sua correspondência de 22/06/1922, a Sérgio Buarque, escreveu Tácito de Almeida, “Seu episódio, magnífico. Você soube atravessar a multidão e os oradores exaltados, sem perturbação alguma no sorriso. Também sairá no 4º número, pois o 3º está já entregue completo, á typographia”. Em seu elogio o missivista, tesoureiro da revista, se referiu ao cenário do conto, no qual uma multidão a espera da passagem do Imperador ouvia os oradores declamarem elogios, os quais diziam: “[...] o

---

<sup>8</sup> MATOS, Júlia Silveira. **Sérgio Buarque de Holanda: Raízes do Brasil, diálogos com a política e a História do Brasil.** Dissertação. (Mestrado em História) – Programa de Pós- graduação em História das Sociedades Ibero-americanas da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS, Porto Alegre. 2005, p. 159.

Sabio [...] o Constructor. O Imperador constructor por excellencia. Aquele que soube submeter toda a natureza ás suas ordens e ás suas leis”.<sup>9</sup>

Nessa citação vemos o cerne do pensamento moderno, uma terra moldada de acordo com as vontades pessoais de um homem, ou podemos pensar de um grupo de homens, precisava agora parar de ouvir os “oradores” e se descobrir, encontrar aquilo que seria realmente original, próprio, singular e independente de sua cultura. Nesse sentido, segundo Antônio Cândido, os modernos nunca formaram uma escola, mas aglutinaram-se em torno do desejo de libertação dos padrões portugueses e academicistas e afirmou:

Não espanta que, nesse sentido, utilizassem como técnica e atitude de espírito a valorização do prosaico e do bom humor, [...], esta atitude no fundo é um desejo de retificação, de desmascaramento e de pesquisa do **essencial**; a ela se prende o **nacionalismo pitoresco**, que os moderistas alimentaram de etnografia e folclore, **rompendo o nacionalismo enfeitado** dos predecessores.<sup>10</sup>

Conforme a citação referida, **Antinous** de Sérgio Buarque de Holanda, apresentou as características mais singulares do modernismo: a valorização do prosaico, ou seja, a acessibilidade da linguagem aplicada, o bom humor, e a pesquisa do essencial, étnico e folclórico. Em seu conto, o jovem poeta não deixou de referenciar as gentes do Brasil e relatou: “Continua o cortejo. Duas fileiras de escravos, dobrados como canivetes estendem-se desde a porta principal do palácio até Infinito”.<sup>11</sup> A figura do negro, escravo, conforme essa citação, não poderia faltar como forma de lembrança e exaltação da mestiçagem nacional, tão valorizada no pensamento modernista por ser considerada, segundo Cândido, “a força criadora do primitivo [...] a capacidade de inspirar a transformação de nossa sensibilidade, desvirtuada em literatura pela obsessão da moda européia”.<sup>12</sup> Essa originalidade de **Antinous** e ao mesmo tempo modernidade ideológica de seu autor não apenas encantou os já citados Mário de Andrade e Tácito de Almeida, como chamou a atenção também de Ribeiro Couto, o qual escreveu em correspondência de 14/10/1922: “Li na Klaxon a sua deliciosa tragédia. Pois não é uma tragédia legítima o seu Antinous?”. Essa análise de Couto além de humorada se

<sup>9</sup> HOLANDA, Sérgio Buarque. **REVISTA KLAXON**. 1922, p. 01.

<sup>10</sup> MELO & SOUZA, Antônio Cândido; CASTELLO, José Aderaldo. **Presença da Literatura Brasileira**. 9 ed. São Paulo: DIFEL, 1983, p. 09-11, vol. III.

<sup>11</sup> HOLANDA, 1922, op. cit., p. 01.

<sup>12</sup> MELO & SOUZA; CASTELLO, 1983, op. cit., p. 11.

apresenta provocativa, pois, ao mesmo tempo em que se referiu a **Antinous** como “delicioso”, o definiu em tom de arguição como uma tragédia. Talvez no sentido grego, a alienação de um povo a espera de seu Imperador rodeado por um cortejo, juntamente com a voz dos oradores que lhe conferiam inúmeros elogios, possa ter parecido a Ribeiro Couto muito com as realidades do Brasil e por isso, seria uma tragédia.

Entretanto, **Antinous** que parecia apenas o primeiro de muitos, foi seu único conto escrito e publicado em Klaxon. Sérgio Buarque escreveu outros textos ficcionais, para as revistas **Estética** e **Revista Nova** entre outras, mas optou por permanecer na crítica literária, após seu rápido período político<sup>13</sup>, a qual lhe acompanhou toda a vida.

Esses elogios recebidos por Sérgio Buarque de seus amigos e componentes do movimento modernista atuaram além da simples crítica literária ou afetiva e adentraram a validação do discurso do jovem principiante poeta. Dentro desse olhar, vale lembrar que segundo Angela de Castro Gomes: “a prática epistolar estabelece uma espécie de 'circuito retralimentado de significação', deixa de pertencer ao autor e passa a pertencer ao destinatário”.<sup>14</sup> Sendo assim, mais do que a opinião de colegas e amigos, as cartas recebidas por Sérgio adquiriram uma característica de passaporte para a escritura, a validação de seu discurso e capacidade intelectual frente ao próprio grupo. Para Angela de Castro Gomes (2004), o ponto central dessa prática de produção documental é a construção de uma identidade particular através da escrita, o que para Sérgio Buarque se deu no próprio espaço de discussão da correspondência.

No entanto, Mário de Andrade já cobrava o envio desse conto desde a publicação da primeira edição, conforme sua correspondência de 04/1922:<sup>15</sup> “Estou a espera dos artigos e poemas que prometeste. E não te esqueças do teu conto. Desejo conhecer-te na ficção?”. A cobrança do amigo logo foi respondida por Sérgio Buarque em carta, também com data quase ilegível, do ano de 1922: “ Infelizmente porém, ando com o tempo de tal forma tomado que só hoje escrevo. Mando também o artigo e

---

<sup>13</sup> Conforme relatou em **Tentativas de Mitologia** ao referir-se a sua linguagem textual, a qual para ele não era muito clara, “Essa clareza, que não me era natural, eu vinha tentando realizá-la de longa data. É provável que ela me tivesse sido já inculcada por alguma prática jornalística, mormente de jornalismo político a que me dediquei durante algum tempo” (HOLANDA, Sergio Buarque. **Tentativas de Mitologia**. São Paulo. Editora Perspectiva, 1979, p. 17.)

<sup>14</sup> GOMES, Angela Maria de Castro (Org.). **Em família**: a correspondência de Oliveira Lima e Gilberto Freyre. Campinas: Mercado das Letras, 2005, p.14.

<sup>15</sup> Conforme nossa dedução pelo assunto tratado, pois a datação da carta está quase ilegível, apenas o ano tornou-se claro, devido a resposta de Sérgio Buarque apresentar a datação de 1922, mas também sem dia e mês.

poesias que prometi. Peço porém que, se quiser publicar as do Ribeiro Couto mande pedir diretamente a ele pois mandei uma cópia sem sua autorização”. Com breve justificativa de falta de tempo desculpou-se diante do pedido de Mário e seguiu relatando o envio de textos para publicação no próximo número de **Klaxon**, no entanto, o seu texto não estava entre eles.

Nessa mesma carta, apresentou sua crítica aos textos que enviava, ao de Ribeiro Couto, não precisou referir a qualidade, o simples envio sem autorização já o validou, enquanto que a poesia citada, era de Murilo Araújo, sobre a qual, mais adiante afirmou: “Tem o grande defeito de ser soneto. Em todo o caso fica a seu critério a publicação”. Além da avaliação do artigo e poesia enviados, o final dessa frase demonstra claramente a posição dos missivistas. Mário de Andrade era o mestre, considerado por sua maturidade intelectual, mesmo sem grande diferença de idade, frente a ele, Sérgio Buarque colocava-se como o jovem aprendiz, que mesmo inferindo seu olhar sobre os textos não deixou de afirmar que estava sob o critério do mestre suas publicações. Novamente segundo Gomes (2005), percebermos esses diferentes posicionamentos entre os amigos é um importante recurso analítico, como forma de compreendermos as significações desses discursos trocados.

Como mestre, Mário chamara a atenção do pupilo para sua função no movimento e na revista, assim como validou sua atividade. Nesta carta de abril de 1922, lembrou a Sérgio: “É preciso que não te esqueças de que fazes parte dela”. Apesar de viver no Rio de Janeiro, o jovem poeta recebeu a validação de sua participação e contribuição para a causa moderna e logo a seguir, foi convocado pelo mestre que escreveu: “A trabalha pelo nossa Ideia, que é uma causa universal e bela, muito alta”. O chamado foi atendido, apesar de não permanecer no movimento modernista, seguiu seu trabalho pela causa universal a qual se referiu o mestre e amigo, voltou seu olhar para a crise político-institucional do país e se dedicou ao estudo das gentes e culturas nacionais.

Como aprendiz o jovem poeta fazia as vezes e enviava materiais ao mestre como a revista “Vanity Fair”. Sobre a qual Mário de Andrade agradeceu, na correspondência de 04/1922, “Recebi o nº da 'Vanity Fair'. Interessantíssimos os poemas. Agradeço-lhe cordialmente a valiosa comunicação”. Essa posição vemos que mudou anos mais tarde em carta de Sérgio a Mário de 02/12/1925, pela crítica do amigo ao seu texto **Perspectivas**, e naquele momento com uma escrita que denunciava sua



nova posição, mais madura, escreveu não mais como aprendiz iniciante e sim como formando, apto a discutir temas com o professor, sem contudo deixar de reconhecê-lo mestre.

Nessa carta a Mário de Andrade, Sérgio Buarque tentou desculpar-se por não ser um bom missivista, ou seja, por não responder as cartas do amigo, “é inútil tentar justificar a minha atitude pra com você. Se não tenho respondido às cartas que v. me escreve não é por falta de tempo nem por falta de coragem. Você sabe muito bem que também não é por falta de amizade”. Além do camuflado pedido de desculpas, Sérgio Buarque estabeleceu importante debate com Mário de Andrade sobre suas Perspectivas publicado na **Revista Estética**, do qual afirmou:

Acredito que v. tenha razão em muitas coisas (p. ex. em tudo quanto escreve sobre o mal da sutileza – Gongora, Laforgue etc...), mas penso que principalmente v. erra. Isso porque v. talvez tenha dado à última frase do “Perspectivas” uma importância que ela não tem. Não sou cético nem pessimista. Mas não é impossível que do seu ponto de vista seja um bocadinho dessas duas coisas. A verdade é que não creio na ' vaidade de todas as coisas ' senão como uma das atitudes possíveis neste mundo. De fato, não é a minha atitude. Ou melhor não é minha atitude *permanente*. **Ao contrário quero aceitar a realidade cotidiana tal como é, embora pense que ela vale principalmente pelo que contém de promessa.**<sup>16</sup>

O jovem Sérgio Buarque, nessa correspondência, defendia-se da crítica publicada pelo amigo e já consagrado poeta. Todavia, transcendeu sua defesa e apresentou o centro de suas preocupações enquanto historiador, as realidades cotidianas nacionais e suas possibilidades de transformação, conforme nosso grifo. Mais do que um veículo de comunicação essa correspondência trocada entre os amigos Sérgio e Mário, tornou-se um espaço de reflexão sobre o fazer literário e histórico. O que para o amigo era “pessimista” e “super-realista”, conforme a citação acima, para o autor de **Perspectivas** era o reconhecimento das estruturas mentais que de alguma forma engessariam e dirigiriam os atos dos homens. Na conclusão desse texto, escreveu Sérgio Buarque, “É incontestável que nossos atos, e mesmo aqueles que comportam uma série de movimentos irremediavelmente previstos pela lógica e pelo cálculo mais precisos, não prescindem dessa parcela de contingente que participa do divino”.<sup>17</sup> Como vemos nessa citação, em fins de 1925, ainda de forma embrionária, mas dentro da proposta

<sup>16</sup> HOLANDA, Sérgio Buarque. **REVISTA PERSPECTIVAS**. 1925, p. 03

<sup>17</sup> Ibid.

modernista, já refletia sobre questões centrais e motivadoras de sua obra magistral **Raízes do Brasil**. Na introdução, revisada, do livro, afirmou que: “Assim, antes de perguntar até que ponto poderá alcançar bom êxito a tentativa, caberia averiguar até onde tempos podido representar aquelas formas de convívio, instituições e idéias de que fomos herdeiros”.<sup>18</sup> O jovem imerso nos caminhos da literatura apresentava em sua correspondência e artigos suas primeiras inquietações de historiador, as raízes de nossos hábitos, costumes e cultura. Compreender os mecanismos de nossas instituições e sociedade, distinguindo as heranças ibéricas dos desdobramentos frutos do meio, foi uma face da sua inquietação. Em **Raízes** assim como em **Perspectivas**, sua insatisfação era gerada pela percepção de que muitos de nossos hábitos são mecânicos, movidos por uma estrutura mental herdada de outra cultura, inadequada para as nossas realidades. Sendo assim, a partir dessa comparação, podemos perceber como a proposta modernista, de romper com os velhos padrões importados, permaneceu no pensamento buarquiano e adentrou sua primeira obra.

Nessa carta, importante, também, é notarmos o reconhecimento de Sérgio Buarque à influência do amigo Mário de Andrade, assim como seu reconhecimento como professor, sábio e mestre em seu desenvolvimento enquanto intelectual: “Acho que tudo quanto v. me escrever será muito bom para mim. Imagino que v. tenha passado um pouco por uma experiência semelhante à que me trouxe ao meu atual estado de espírito. De qualquer modo a sua influência me fará bem: tenho fé nisso”. Essa experiência de espírito, na qual o jovem poeta se encontrava, era justamente o que se revelou através de seu artigo intitulado **O lado oposto e outros lados**, publicado na **Revista do Brasil** em 15/10/1926, uma total decepção com o movimento modernista. Sobre essa “crise” escreveu Sérgio Buarque de Holanda na introdução de seu **Tentativas de Mitologia**:

Devo dizer que nessa crise, de que já tratei em outra oportunidade e que foi comentada na correspondência hoje impressa entre Mário de Andrade e Manuel Bandeira, a parte que coube a Graça, ao menos na etapa final, foi antes a de um apaziguador, mas eu próprio já me desinteressara bastante das questões de literatura, e pensava em escrever um livro para o qual tinha até nome pronto: deveria chamar-se **Teoria da América** [...].<sup>19</sup>

<sup>18</sup> HOLANDA, Sérgio Buarque. **Raízes do Brasil**. 7 ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1973, p. 19.

<sup>19</sup> Id. **Tentativas de Mitologia**. São Paulo: Perspectiva, 1979, p. 29.

Conforme seu depoimento, havia se desiludido da literatura, em muito por causa dos embates ideológicos dentro do grupo, as rivalidades, intolerâncias e vaidades, mas permaneceu dentro da proposta modernista de renovação da mentalidade nacional e autonomia artística e literária, conforme Mário da Silva Brito (1971). Voltou seu foco para a renovação da vida política do Brasil e para tanto, dedicou-se a obra que se chamaria **Teoria da América**, mas que acabou recebendo o nome de **Raízes do Brasil**.

Esses debates epistolares entre Sérgio Buarque e Mário de Andrade, assim como os elogios recebidos de Tácito de Almeida e Ribeiro Couto, demonstram a importância dessas correspondências como um espaço que revela suas idéias, que constitui suas identidades pessoais e profissionais, de como se constituem as validações dos discursos, conforme refletiu Angela de Castro Gomes em seu livro **Em Família** (2005). Nesse sentido, segundo Gomes,

O convívio entre intelectuais, como a leitura, é fundamental para o desenvolvimento de idéias e sensibilidades. Para escrever, pintar, compor etc., o intelectual precisa estar envolvido em um circuito de sociabilidade que, ao mesmo tempo, situa-o no mundo cultural e permite-lhe interpretar o mundo político e social de seu tempo [...] é a participação numa rede de contatos que demarca a específica inserção de um intelectual no mundo cultural. Intelectuais são, assim, homens cuja produção é sempre influenciada pela filiação a associações, mais ou menos formais, e a uma série de outros grupos e 'lugares de sociabilidade', que podem ser marcados por práticas culturais de oralidade e/ou escrita.<sup>20</sup>

Como vimos, na correspondência passiva de Sérgio Buarque, assim como a ativa, estabeleceu-se exatamente como um espaço de convívio, troca de idéias e construção intelectual, conforme nos propôs Angela de Castro Gomes, na citação acima. A rede a qual Sérgio Buarque principiou sua jornada forneceu-lhe as condições para o desenvolvimento de suas idéias e sensibilidades. Não apenas como espaço para o debate crítico, mas para o reconhecimento da validade de sua escrita. Essa noção nos faz perceber que sua correspondência integra-se como parte de sua produção intelectual e por isso, de acordo com Gomes, deve ser analisada “como um momento e um produto significativos de sua própria obra”.<sup>21</sup> Dessa forma, as cartas aqui analisadas, apesar de não constituírem uma série, formam um conjunto temático pela centralidade da

<sup>20</sup> GOMES, Angela Maria de Castro (Org.). **Em família**: a correspondência de Oliveira Lima e Gilberto Freyre. Campinas: Mercado das Letras, 2005, p. 13.

<sup>21</sup> Ibid., p.12.

discussão em torno da formação da revista **Klaxon** e da validação do discurso literário do principiante Sérgio Buarque.

## KLAXON, UM METEORO MODERNISTA

Entretanto, a correspondência de Sérgio Buarque, não apenas nos revela seus primeiros passos entre os modernistas, conforme afirmou Cândido: “alguns moços se revelaram como estreantes de espírito moderno: Luís Aranha Pereira, Sérgio Millet, Rubens Borba de Moraes, Sérgio Buarque de Holanda [...]”,<sup>22</sup> mas também os bastidores da composição da revista e suas dificuldades financeiras, envios de textos e recados que nos apresentam as redes de sociabilidades desses intelectuais.

Klaxon para os modernos era a expressão imediata da Semana. Através do movimento, os modernistas almejavam encontrar a verdadeira expressão nacional, conforme afirmou Regina Zilberman:



Foi, sobretudo durante os anos agudos do modernismo, ente 1920 e 1950, que a poesia brasileira experimentou e resolveu as questões relativas à necessidade de encontrar uma verdadeira manifestação nacional. Entendeu-a como pesquisa de linguagem, autenticidade e representação interior; solucionando o dualismo herdado do passado, continuou pesquisando novas modalidades de expressão, em que se inclui a procura de formas que aproximem a poesia da linguagem oral.<sup>23</sup>

A revista deveria ser instrumento para alcançar esses objetivos apontados por Zilberman. No entanto, segundo Sérgio Buarque, só vagamente eles tiveram noção de terem fundado uma revista que “centralizava todo o movimento modernista [...]”.<sup>24</sup> Essa lembrança do professor Sérgio pode ser contestada ao ser comparada com as palavras de Mário de Andrade no convite para a Semana de Arte Moderna endereçado a Menotti del Piccha: “Seremos lindíssimos! Insultadíssimos! Celeberrimos. Teremos nossos nomes eternizados nos jornais e na História da Arte Brasileira”. Como vemos, se o grupo todo não tinha total noção da importância de **Klaxon**, para alguns, isso parecia claro.

<sup>22</sup> MELO & SOUZA, Antônio Cândido; CASTELLO, José Aderaldo. **Presença da Literatura Brasileira**. 9 ed. São Paulo: DIFEL, 1983, p.13, vol. III.

<sup>23</sup> ZILBERMAN, Regina. *Literatura Brasileira Contemporânea a Busca da Expressão Nacional*. Anos 90. Porto Alegre: UFRGS, 1994, p. 70.

<sup>24</sup> HOLANDA, Sergio Buarque. **Tentativas de Mitologia**. São Paulo: Perspectiva, 1979, p. 28.

Com a responsabilidade de concretizar os novos ideais estéticos do grupo, foi fundada a revista. No entanto, ela não apresentava nenhuma unidade desses ideais estéticos, todos apenas concordavam com a proposta de renovação. Para Alfredo Bosi (1983) essa falta de homogeneidade configurava uma mistura das diversas concepções estéticas que chegavam da Europa. Nessa perspectiva, segundo Bosi,

pela análise dos textos publicados em **Klaxon** e das páginas mais representativas da fase inicial do Modernismo, depreende-se que foram os experimentos formais do futurismo, não só italiano, mas sobretudo francês [...] que mais vigorosamente dirigiam a mão de nossos poetas no momento da invenção artística.<sup>25</sup>

Essas influências exteriores, conforme citado por Bosi, no processo de composição do movimento acabou atuando incisivamente para as posteriores separações e constituições dos sub-movimentos, como: Pau-Brasil e Verde-amarelismo.

Em meio a essa diversidade, o ideal da revista **Klaxon** nos princípios do movimento conseguiu reunir o grupo apesar de suas particulares diferenças de pensamento. A sobrevivência econômica da revista acabou por sobrepor-se a qualquer antagonismo ideológico dos modernistas. Desde seu primeiro número, veiculado em 15/05/1922, Mário de Andrade, um dos principais expoentes do movimento, apresentou em correspondência a Sérgio Buarque, sua preocupação com as questões financeiras. Por volta de abril de 1922, escreveu Mário à Sérgio: “quando tiveres algum dinheiro de assinatura por mandar, endereça o cheque para mim”. Em pouco tempo Sérgio Buarque respondeu a missiva do amigo, na qual compartilhou das preocupações e escreveu: “ao contrário de minha expectativa e da de todos nós só pude por agora conseguir pouquíssimos assinantes. Tenho, porém, inúmeras promessas. Espero a realização destas para enviar todo o dinheiro”. A expectativa de todos, conforme aqui referida, ancorava-se no cuidado com a própria existência da revista que dependia de investimentos. Esse primeiro número da revista conforme depoimento de Guilherme de Almeida acabou saindo com “o resultado de uma vaca entre nós”.<sup>26</sup>

Em outra correspondência, agora de 27/06/1922, Tácito de Almeida também se referiu a permanente crise financeira do Mensário de Arte Moderna,

“Klaxon sofreu agora um grande desgosto. A pessoa incumbida de anuncios desanimou-se completamente. [...] É preciso desenvolver o

<sup>25</sup> BOSI, Alfredo. **História concisa da Literatura brasileira**. São Paulo: Cultrix, 1983, p. 386.

<sup>26</sup> BRITO, Mário da Silva. Introdução. **Klaxon**: mensário de arte moderna. Facsímile. São Paulo: Martins Editora, 1972, p. 01.

número de assinantes. Contamos com o Rio e achamos que você pôde aceitar mesmo os assinantes do semente”.<sup>27</sup>

Os pedidos de dinheiro a Sérgio Buarque, representante da revista no Rio de Janeiro, não paravam, em 20/07/1922, em nova carta Mário de Andrade, afirmou: “Klaxon segue a via muito bem. Mas precisamos de dinheiro. Recolhe o que arranjuste por aí, e o resultado da venda; e é mandar. Envia-o ao Tácito, tesoureiro”. Todos lutavam para manter a revista circulando, mas faltava dinheiro, preocupação constante na correspondência passiva de Sérgio Buarque nesse período.

Destarte, o grupo dirigente da revista não trocava cartas apenas para discutir as questões financeiras como já demonstrado, também falavam sobre seus desejos de publicações e enviavam recados aos amigos. Mário de Andrade, em carta de abril de 1922, se referiu à sua aspiração de publicar: “é possível que mais tarde, si tempo me sobrar, desenvolva-na mais o tema e publique um o opúsculo sobre a nossa estética”. De forma semelhante, Ribeiro Couto em sua carta de 14/10/1922, avisou ao amigo de seu livro que sairia publicado por Monteiro Lobato, escreveu ele: “E mais anterior é o livro de poesias, poemets e etc., que o Lobato publicará no começo do ao vindouro”. Os recados aos amigos são frequentes, o poeta Mário também pediu a Sérgio Buarque que dissesse a Manuel Bandeira o quanto se lembrava dele, assim como de Ribeiro Couto. Em outra carta de 20/07/1922, Mário perguntou: “Os amigos como vão? Renato, Manuel Bandeira, Conte, Ronaldo, Di?” As cartas entre os amigos eram um espaço de comunicação, pois segundo Angela de Castro Gomes, quem escreve espera uma resposta, seja escrita ou por ações.

Os problemas tipográficos também são relatados nessa correspondência e Mário de Andrade, Tácito de Almeida e Couto de Barros reclamavam da dependência e demora do serviço, além dos erros cometidos. Mário de Andrade, em 20/07/1922, escreveu: “A poesia de Ribeiro Couto saiu lamentavelmente disposta. Coisas de tipografia, que apesar do cuidado dos rapazes foi impossível concertar”. Os desafios eram grandes: envios de textos, problemas tipográficos e financeiros, tudo contribuiu para o esgotamento dos criadores e dirigentes de Klaxon.

Como vemos, Klaxon já entrava em agonia, mas resistiu até janeiro de 1923 quando circulou os números 8 e 9, publicados em um único exemplar, devido a greve

---

<sup>27</sup> Carta de Tácito de Almeida para Sérgio Buarque de Holanda – 27/06/1922 – Fonte Arquivo Central Unicamp – SIARQ

dos tipógrafos, e chegava ao fim a meteórica existência da basilar revista de arte moderna. Meteórica porque teve uma breve existência, mas tão impactante que deixou suas marcas na Literatura e História do Brasil.

Em outra correspondência de Couto de Barros a Sérgio Buarque, datada de 03/04/1923, ele se referiu ao que seria o próximo número da revista, “Klaxon ainda na typographia”. que acabou por nunca sair. Sobre o fim do mensário, comentou Mário da Silva Brito, na introdução do fac-símile comemorativo da revista, “De maio a outubro de 1922, Klaxon apareceu regular e pontualmente no dia 15 de cada mês. Em novembro, sofreu um pequeno atraso de uma quinzena. O derradeiro número saiu duplo, 'para pegar o atraso da revista' [...] Seus jovens redatores – e financiadores – já estavam fatigados desses encargos”.<sup>28</sup> Nesse mesmo sentido, o historiador Francisco Alembert afirmou que o fim de **Klaxon** não ocorreu por nenhum desajuste interno, mas pela “falta de patrocinadores e pelas tiragens restritas [...]”.<sup>29</sup> Acabava assim **Klaxon** enquanto revista, mas não como movimento. Seus componentes seguiram em novas aventuras. Prudente de Moraes Neto juntamente com Sérgio Buarque fundaram **Estética**, Oswald de Andrade e Tarsila do Amaral, ao lado de outros, aventuram-se com a **Revista de Antropofagia**, Mário de Andrade com sua **Revista Nova**. Muitos ainda seriam os desdobramentos do modernismo brasileiro, mas as correspondências passivas de Sérgio Buarque, assim como os trabalhos com as correspondências trocadas entre Carlos e Mário, dão oportunidade ao leitor de “'ler e sentir' o movimento modernista sob outros ângulos”,<sup>30</sup> e nos apresentam um pouco do que foram os bastidores da sempre moderna **Klaxon**.

---

<sup>28</sup> BRITO, Mário da Silva. Introdução. **Klaxon**: mensário de arte moderna. Facsímile. São Paulo: Martins Editora, 1972, p.19.

<sup>29</sup> ALEMBERT, Francisco. **A Semana de 22**: A aventura modernista no Brasil. 3 ed. São Paulo: Scipione, 2004, p. 60.

<sup>30</sup> GOMES, Ângela de. Escrita de Si, escrita de história: a título de prólogo. In: \_\_\_\_\_. **Escrita de Si, escrita da história**. Rio de Janeiro: FGV, 2004, p. 7.